

vivo e morro dos Prazeres

Conheci o trabalho de Louise Botkay há um ano atrás, durante uma comissão de júri (“Abre Alas – Gentil Carioca”, 2014). O que me chamou a atenção, entre vários aspetos das suas breves fulgurações narrativas, foi o facto de ele tangenciar um nó das problemáticas da arte brasileira que fricciona seu impasse na contemporaneidade. Refiro-me à persistência, mesmo depois do modernismo, da ideia de “um Brasil de muitos brasis”. A longa posituação da diversidade cultural, manifestada num território rico de expressões tornaram a arte brasileira, para o bem e para o mal, autossuficiente, sem precisar de olhar para fora, nem falar outras “línguas”.

Mas, ainda que esta “construção” tenha determinado, e ainda determine no atual slogan “país do futuro”, uma economia do simbólico em circuito-fechado, há novos “ulisses” realizando os seus trabalhos fora da grande casa continental.

Louise Botkay (mas também Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, com seu trabalho nas ilhas Reunião ou, numa outra vertente, Alice Miceli) sai do espaço que lhe havia sido destinado habitar para poder ganhar outra perspectiva sobre o que está a fazer. Ou, como diz a artista Renée Green: “É preciso inventar um *segundo idioma*, ou possivelmente até mais que isso, para permitir o repensar das noções estabelecidas”.

As suas geografias e os seus idiomas são sentimentais e pós coloniais, lugares que não recordo terem aparecido nas imagens em movimento da arte brasileira: Brazzaville-Congo, Níger, Haiti, Chade, ou outros correlativos, onde Louise também viveu ou viajou: Paris, Acre, Rio de Janeiro. São “zonas de contacto”, lugares de encontro onde ela foi permutar o já adquirido pelo mistério, sentir a ambivalência de olhar no olho do outro, inventar uma língua de troca, perder o horizonte de partida, e quase nunca saber o horizonte de chegada.

Esta poética “desterritorializada” atualiza-se também num “uso negativo ou contraditório da técnica”, como refere o curador Philippe-Alain Michaud a propósito do seu trabalho. Ou seja, a linguagem cinematográfica é muito bem manejada para contrapor-se a usos deliberadamente experimentais: desde a captação fragmentada da imagem até à escolha dos suportes de projeção, geralmente películas frágeis ou tecidos esboroados.

Feitos com celular, vídeo ou *super 8*, trabalhos como a cerimónia de vodu no Haiti (2009), o banho nos “hammam” marroquinos de Paris (2008), o ritual Huni Kuni no Acre, (2014) e agora “vivo e morro dos prazeres” (2014), estão muito próximos dos usos que a antropologia fez do cinema, por exemplo, na aproximação subjetiva e impura aos “objetos”. Mas é quando observados no campo das artes visuais que estes trabalhos adquirem maior assertividade. Porque é no estético que operam “negociações” na zona de contacto, pondo em debate “o que é daqui e o que é de fora”, desarrumando heranças disciplinares, e trazendo à tona hermenêuticas pós-coloniais ainda pouco discutidas no Brasil.

Por último, chamo a atenção para uma “persistência” nos trabalhos de Louise Botkay: as imagens da “origem”. Aparecem em sua riqueza polissêmica, ritual, religião, estranhamento, mito, segredo, revelação ou, no caso deste “vivo e morro dos prazeres”, o mistério do nascimento e da maternidade.

Marta Mestre